



A Leitura do livro didático digital: hipertexto e construção do conhecimento

Therêncio Corrêa da Silva

(PPGE/UFAM)

Resumo

O presente trabalho discute o livro didático digital, resultado das mudanças ocorridas no célere desenvolvimento tecnológico e na entrada de novas ferramentas e dispositivos na escola com a aprovação deste artefato na versão digital pelo PNLD 2015. Questionamos quais mudanças esse livro provoca no ato de ler, pois não são apenas páginas ilustradas e atividades, como se configura nos livros didáticos impressos. Agora contém textos, música, leitura oral e reprodução de obras de arte, múltiplas linguagens, associações e modos de acesso a informações. Uma mescla de elementos que se agrupam e reagrupam e apontam interferências no desenvolvimento das habilidades de leitura, indicando mudanças técnico e na transposição didática dos conteúdos escolares. Este trabalho analisa livro o didático digital do primeiro ano do Ensino Médio aprovado pelo PNLD em seus fundamentos teóricos e metodológicos que o constituem como objeto de leitura de mídia impressa/digital, elencando o conceito de leitura e hipertexto para verificar elementos facilitadores e dispersores do ato de ler. Engendramos a técnica de pesquisa de tipo documental e investigação das possibilidades de leitura do suporte impresso/digital, análise acerca das estruturas, mecanismos que se vinculam como hipertexto e que exigem habilidades concernentes aos novos suportes do texto.

Palavras-chave: Livro didático, Livro Didático Digital, Leitura.

Abstract

The present work discusses the digital didactic book, a result of the changes that have occurred in the fast technological development and in the entry of new tools and devices in school with the approval of this artifact on the digital version by PNLD 2015. We questioned what changes this book causes in the act of reading, because not only are illustrated pages and activities, as if configures in textbooks printed. Now contains texts, music, oral reading and reproduction of works of art, multiple languages, associations and modes of access to information. A mixture of elements that are grouped and regrouped and show interferences in the development of reading skills, indicating technical changes as well as in the Didactic Transposition of contents. This work analyzes the digital didactic book used in first year of Middle School, approved by the PNLD in its theoretical methodological foundation that constitute as object of printed/digital reading, listing the concept of reading and hypertext link to check facilitators and dispersers



elements of act of reading. The technique of documentary type search and study about possibilities of reading support the printed/digital, analysis about the structures, mechanisms that link as hypertext and that require skills regarding new brackets of the text.

Keywords: Textbook, Digital Didactic Book, Reading

Introdução

O presente trabalho discute o livro didático digital, que é resultado das mudanças ocorridas com o desenvolvimento tecnológico atual. A criação de novas mediações didáticas e ferramentas para estarem à disposição da escola, desafiam professores e equipe técnica para a implementação no cotidiano do fazer técnico do professor de Ensino Médio em todo o país. Diante das eminentes mudanças questionamos: estamos no caminho de novos modos de se relacionar com o livro, de ler e compreender de diferentes maneiras seu conteúdo, ou perfilamos por modelos rasos supondo uma melhoria baseada no movimento do mercado sem que seja refletido sua concepção de aprendizagem e de leitura?

Os questionamentos nos levam ao LD de Língua Portuguesa do primeiro ano do Ensino Médio, parte de uma coleção aprovada pelo FNDE/MEC como livro impresso/digital, que foi entregue na Rede Pública 2015, através do Plano Nacional do Livro Didático 2015 – PNLD edital de 2013. Nosso trabalho toma a leitura e a cartografia como instrumento para abordar a estrutura do LD digital, entender seu funcionamento, marcando as pistas e caminhos dados ao leitor. O LD forma o rizoma, resultado da associação impresso e digital, questionando as categorias já estabelecidas na história do livro e demonstrando novos esquemas desenhado sobre a estrutura e o processo que se estabelece. Neste estudo, faremos o caminho seguindo as conexões e cartografando o plano de um de seus objetos digitais.



1. A Leitura do livro didático digital: hipertexto e construção do conhecimento

1.1 Da Tv Escola ao livro didático digital

Na metade da década de 1990, presenciamos a crescente massificação das tecnologias no meio educacional que tem protagonismo na TV Escola, funcionando por sinal de satélite e antena parabólica, e hoje, funcionando na tv digital e na internet. Essa tecnologia representa um marco na inserção da linguagem audiovisual televisiva na escola com a programação inteiramente voltada para assuntos relativos ao trabalho pedagógico, com objetivos de melhorar a educação nas escolas brasileiras. No relatório 1996 – 2002 consta na apresentação sua definição e objetivo:

A TV Escola é um canal de televisão dedicado aos educadores e alunos do ensino fundamental e médio. Sua finalidade é contribuir para a melhoria da educação e seus objetivos principais são auxiliar no desenvolvimento profissional dos professores e gestores, enriquecer o processo de ensino-aprendizagem e incentivar a aproximação escola-comunidade. (2002, pág. 05).

Outro ponto interessante do relatório fala sobre o uso das linguagens em conexão remetendo a ligação entre diferentes tecnologias que constam no projeto político pedagógico da TV Escola, tratando da interdisciplinaridade e da contextualização, vendo estes conceitos como parte importante do processo educativo. Outro princípio educativo vinculado ao projeto é a formação do leitor capaz de lidar com a manipulação da mídia com foco na autonomia do sujeito ao longo da vida. A TV Escola se estabelecer como política pública para formação dos professores e melhoria da qualidade da educação, mas estudos apontam que apresentou deficiências em termos técnicos e de conteúdo, os professores apontam a falta de preparo para o trabalho com as novas tecnologias.



Se pensarmos em termos de implantação de tecnologias que demandem muitos processos e agenciamentos que afetam diretamente a sala de aula, percebemos que a preocupação maior de seus propositores é com planos temporais, e não de preparação do sistema público, e nesse sentido pesquisas realizadas com a implantação da TV Escola mostram que a tarefa não se dá em termos de aquisição de material. Podemos refletir que tais considerações deveriam ser preocupação de qualquer nova implantação, principalmente as que afetam os processos já consolidados e, ainda que projetos de larga escala que estão em profusão nos últimos vinte anos, implicando nas práticas cotidianas na escola, principalmente as que tem interferência e uso de novas tecnologias envolvendo computadores, rádio, internet e multimídia.

Observa-se que o Livro Didático em formato impresso para o Ensino Médio, é um caso, ele começou a ocorrer amplamente a partir 2004 dada Resolução CD FNDE nº. 38, de 15/10/2003 que contemplou as disciplinas de português e matemática, mas que nos editais atuais abrange todos os componentes curriculares. Foi um processo difícil e que gerou muitas críticas em relação às condições de apoio ao trabalho e autonomia do professor. Outra preocupação se mostra pelo fato de ser um material de amplo alcance do público, pois FNDE garante que todos as redes que adotarem o livro didático terão em quantidade suficiente para cada estudante. Acaba deixando o LD como uma referência centralizada e, às vezes o único material à disposição da escola, que se torna alicerce de práticas nas escolas.

A atualização mais recente a respeito da distribuição do LD é trazida pelo edital 01/2013 para aquisição de LD para o Ensino Médio ampliando os requisitos na adoção de formatos que integram as TICs como suporte, atrelados aos tradicionais formatos impressos que são disponibilizados para o Ensino Médio desde 2004. Os desafios se avolumam em decorrência do célere desenvolvimento tecnológico e da entrada de novas ferramentas e dispositivos no meio educacional.. Vemos agora a sinalização, no



ano de 2015, pelo PNLD, de entrega dos Livros Didáticos digitais, investimento das políticas educacionais para escolas públicas do Ensino Médio.

1.2 O Livro Didático Digital

O Livro Didático Digital não apresenta apenas páginas ilustradas e a indicação de atividades, tal qual se configura nos LD impressos. São livros que contém textos, música, reprodução de obras de arte, áudio, filmes e animações, jogos, hiperlink, ou seja, são múltiplas linguagens, associações e modos de acesso às informações. Uma mistura de elementos que se agrupam e se reagrupam, envolvem os sentidos e se torna uma nova problemática pedagógica para o desenvolvimento das habilidades de leitura através dos formatos hipertextuais.

Novas habilidades de leitura devem ser tematizadas e refletidas, pois o formato digital do livro afeta os processos de leitura e o modo como se estabelece a relação com a informação. Se pensarmos em uma formação dos sujeitos adequada para a vida na sociedade contemporânea, atravessada pela dinâmica híbrida das tecnologias, havemos de nos preocupar com as linguagens e com as possibilidades das informações embutidas em suportes multimídia associados aos LD, temos de repensar também a forma como se ensina leitura e apropriação do conteúdo e como afeta a prática pedagógica. Repensar nossa postura pedagógica diante das mudanças é fundamental. A este respeito sinaliza Chartier:

A representação eletrônica dos textos modifica totalmente sua condição: a materialidade do livro é substituída pela imaterialidade dos textos em lugar próprio; a contiguidade imposta pelo objeto opõe-se à livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à percepção imediata da totalidade da obra que se torna possível pelo objeto que contém, sucede uma navegação de longa duração nos arquipélagos textuais com margens moveáveis.



Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com o escrito, novas técnicas intelectuais. (2003, pág. 38)

Problematiza-se que mudanças intensas no Livro Didático tão repentinamente possam ser acopladas a sala de aula em tão curto espaço de tempo, sem mesmo que tenhamos superado problemas primários em sua qualidade didática. No final do ano de 2012, em audiência pública N.º 1/2012, o FNDE indicou que os LDs poderiam sofrer alterações, considerando as novas tecnologias no mercado de livros, informando em edital que os livros didáticos no formato e-book seriam a aquisição para todo o Ensino Médio Público, estando disponíveis para alunos já em 2015. Marcando ainda as necessidades exigidas para estes formatos na escola tais como o acesso à internet, aparelhos smartphones, tablets e computadores. Isso demonstra que os formatos digitais estão colocados em expansão, sendo distribuído nas escolas públicas, interferindo e indicando mudanças nas práticas pedagógicas de maneira institucionalizada.

O PNLD define os critérios gerais para a produção, funcionamento e guarda e acesso e distribuição através do edital 01/2013 MEC/FNDE, o que nos dá uma ideia antecipada de como o LD digital seria. Nesse sentido, vamos analisar os pontos que chama atenção em termos de definição do material, responsabilidades e conteúdo, na intenção de encontrar os limites e possibilidades da proposta em seu nascedouro. No item 4.2 do edital constam as diretrizes referentes ao LD digital. A primeira norma se refere a duas categorias em que vão se enquadrar os materiais.

O tipo 1: Na composição de Tipo 1 o editor deverá apresentar obras multimídias compostas de livros digitais e livros impressos.



É interessante o que a composição do Tipo 1 afirma: “Os livros digitais deverão apresentar o conteúdo dos livros impressos correspondentes integrados a objetos educacionais digitais”, o que nos parece bastante lógico e muito razoável, mas que por outro lado pode incorrer no risco de apresentarem-se materiais com isomorfismo o que não caberia pelos motivos já apresentados das diferenças entre digital e impresso.

Há à disposição um formato que vem ganhando muito espaço nas discussões das tecnologias no ensino, os Objetos Educacionais (item 4.2.3), onde anuncia “Entende-se por objetos educacionais vídeos, imagens, áudios, textos, gráficos, tabelas, tutoriais, aplicações, mapas, jogos educacionais, animações, infográficos, páginas web e outros elementos”. Consideramos a relação de itens justapostas, visto que o FNDE se isenta de fazer uma categorização entre linguagens, formatos, aplicações e gêneros discursivos. Questionamos se isso não poderia ser entendido como uma enxurrada de formas soltas desprovidos de sistemas organizativos sequenciais. Mais à frente, o edital expressa que o material deverá ter disposição de índices de referência e ícones nas páginas do livro que apresentar esses objetos, ou seja, o LD impresso deverá ter uma iconografia (Item 4.2.4 a 4.2.6). Um contraponto se mostra quando no item subsequente apregoa que o livro impresso deve apresentar independência do digital. Vê-se aí uma possibilidade que dê invalidação, pois o anúncio diz que a iconografia não faria sentido num material que se anuncia independente do digital (4.2.8). O que se reafirma mais ainda, na indicação que se o material digital tiver uma avaliação insuficiente, a obra passar ser compreendida como sendo obra Tipo 2, a que apresenta somente um arquivo no formato pdf sem os artefatos digitais, sendo excluída a obra toda somente se o material impresso for avaliado inadequado (4.2.10 e 4.2.11).

No que diz respeito a avaliação do conteúdo digital da obra, o edital dispõe seguinte no item 4.2.12: “A pertinência dos livros digitais será avaliada em termos de sua utilidade pedagógica, sem distinção de complexidade entre as obras digitais que



forem aprovadas”. Temos então uma condição muito aberta, visto que utilidade pedagógica não caracteriza a qualidade, relevância, pertinência, contexto, objetivos, métodos e formas; pedagogicamente toda realidade a ser ensinada deveria ter preocupação. O ocorre é que fica para as empresas concorrentes do certame a decisão daquilo que vai conter ou não o material.

O acesso passa a ser expresso no item 4.2.17: “Os livros digitais adquiridos deverão ser disponibilizados de forma gratuita aos alunos e professores em domínio virtual da própria editora e permanecerem disponíveis até, no mínimo, 28.02.2018”. O controle sobre a coisa pública entra em um patamar bastante fecundo de discussões, se apresenta o início e o fim de objetos de conhecimento. Se podemos estudar, pesquisar e criticar e historicizar o livro impresso é devido a sua existência material, é porquê está em domínio do público a que foi direcionado. É um precedente interessante e preocupante, pois muitas análises só podem ser estabelecidas depois de anos de estudo sobre o material e, de forma muito simples e despreocupada, define-se a data de sua indisponibilidade. Outro ponto sobre o acesso (item 4.2.18), o que é feito pelos professores e estudantes ao material digital. Fica definido que o acesso contabilizado junto a unidade impressa (um livro impresso para um acesso), o que representa outro limite, pois o digital não se produz em série, não há custos matérias, e os custos operacionais são muito pequenos em relação ao impresso. Acreditamos que é possível ampliar os modos de acesso, pois sabemos que o digital se configura como sendo de diferente constituição em seu modo de operar. Mas se se recorre à indústria, e a deixa como provedora particular da infraestrutura de funcionamento no local onde a editora quiser, vê-se aí uma não garantia da condição no local onde o estudante, que não chega a ser mencionado em parte nenhuma do edital, se fornece o conteúdo e não se cogita a infraestrutura necessária, quem acabará se responsabilizando pelo uso? Seria o professor, as escolas, ou o próprio estudante? Essa política beneficiaria a quem?



1.3 O novo texto, a nova leitura

Questionamos quais mudanças essas disposições no livro provocam no ato de ler, pois não são apenas páginas ilustradas e atividades, como se configura nos livros didáticos impressos. Agora contém textos, música, leitura oral e reprodução de obras de arte, múltiplas linguagens, associações e modos de acesso a informações. Não obstante, tendo visto chegar nas escolas essas tecnologias, constatamos a permanência de enormes dificuldades no que diz respeito a formação do leitor agravando-se na medida em que a própria linguagem é elaborada e diversificada nos domínios das novas tecnologias.

No cotidiano das salas de aula do Ensino Médio, não raro encontramos alunos finalistas do Ensino Médio com graves problemas de leitura e escrita, as quais são habilidades primordiais para formação do sujeito em qualquer espaço social, assim como a continuidade no caminho de uma formação profissional e cidadã. Os dados dessa problemática provém da própria sala de aula e de vários processos avaliativos como o PISA, que indica que em 2012 figurávamos uma competência mediana para leitura, de média 403 pontos numa escala de 262 a 698 (MEC/INEP, 2012), classificados em nível três numa escala de sete níveis. Não podemos nos esquivar dos problemas graves da educação no Ensino Médio que afetam o desenvolvimento do jovem, problemas de todas as ordens, que vão da precariedade da escola pública, condições de trabalho até a formação dos professores.

Diante deste quadro de resultados, das problemáticas do livro didático e a turbulência das mudanças nos formatos dos textos e suporte da leitura, questionamos: O que é a leitura diante dos materiais digitais? Quais habilidades necessárias quando colocada diante da mescla de elementos que se agrupam e reagrupam dos novos textos digitais? Como afirma Silva (2003) sobre as mudanças de paradigmas de sentido de ler diante das mudanças tecnológicas.



Ainda que esses textos sejam produzidos por meio da escrita, o que recoloca a importâncias do seu domínio (da escrita) num mundo que, até recentemente, tendia a hegemonia das imagens da televisão, eles se representam dentro de um suporte específico (a tela do computador) e adquirem configurações únicas, permitindo por exemplo, as ações de interatividade por parte do leitor e as múltiplas possibilidades de leitura de trajetos de leitura pelas janelas do hipertexto. (2003, pág 14).

Tomamos o conceito de hipertexto com a referência de Pierre Lévy (2000), que em seus argumentos principais trata do digital e da virtualização do texto e do saber, mostrando e caracterizando novos modos de articulação da vida social com a rede de informações e conhecimentos digitais. A realidade tecida na sociedade atual se caracteriza pela constituição de uma inteligência coletiva, respaldado pelo caráter instantâneo das trocas simbólicas proporcionadas pela cultura digital, pela *Cibercultura*, na qual o autor descreve e reflete sobre os novos modos de relações humanas, abrangendo todos os recantos, agrupamentos e culturas locais.

Um grupo humano qualquer só se interessa em constituir-se como comunidade virtual para aproximar-se do ideal do coletivo inteligente, mais imaginativo, mais rápido, mais capaz de aprender e inventar do que um coletivo gerenciado. O ciberespaço talvez não seja mais do que o indispensável desvio técnico para atingir a inteligência coletiva. (Lévy, 2000, p. 130)

É no ciberespaço que ocorrem as misturas, as novas combinações, sinergia dos saberes, constituindo a Cibercultura. É a nova possibilidade dentro do mundo virtualizado, a aproximação que gera objetos híbridos. Para Lévy (2000, p.131) esse hibridismo virtual determinante é movimentado pelo coletivo virtual, pela



Cibercultura. “Todos reconhecem que o melhor uso que podemos fazer do ciberespaço é colocar em sinergia os saberes, as imaginações, as energias espirituais daqueles que estão conectados a ela” (Idem).

O quadro apresentado pelo autor, nos leva a pensar que a geração de hipertextos com configurações híbridas tem relação direta com o *modus operandi* da Cibercultura, na medida em que os veículos onde circulam as informações dado no livro didático digital, ou seja, no modal da mídia, o Ciberespaço é campo da atualização acessado de diversos ponto em muitos suportes, criando na internet o ambiente da leitura e demonstrando o texto de forma que se dará na particularidade do suporte, se remodelando. Vemos uma abertura no caminho para as novas possibilidades de transformação ou adequação da relação do sujeito com o objeto que foi incluso no ciberespaço.

Para cada uma das grandes modalidades do signo, texto alfabético, música ou imagem a Cibercultura faz emergir uma nova forma ou maneira de agir. O texto dobra-se, redobra-se, divide-se e volta a colar-se pelas pontas e fragmentos: transmuta-se em hipertexto, e os hipertextos conectam-se para formar o plano hipertextual indefinidamente aberto e móvel da Web. (LÉVY, 2000, pág. 149)

Por esse caminho, o desdobramento seguinte se dará com os estudos sobre a inteligência coletiva e nos movimentos do ciberespaço, a qual o autor (LÉVY, 2007, p. 28-29) define como a inteligência aquela que está distribuída por todos os cantos, que mobiliza as competências dos sujeitos do universo virtual, os quais partilham e contribuem e, portanto, se beneficiam do que foi construído junto e é reconhecido por todos. O acontecimento da virtualização do texto e as relações que estabelece no hipertexto alcançando múltiplas linguagens no virtual, na virtualidade da leitura como elemento, não somente técnico, mas da atividade humana. Lévy salienta:



Se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de remissões internas ao texto, em associar outros dados, em integrar palavras e as imagens a uma memória pessoal em reconstrução permanente, então os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura. Aqui, não consideramos mais apenas processos técnicos de digitalização e de representação do texto, mas atividade humana de leitura e de interpretação que integra as novas ferramentas. (1996, pp. 43-44)

A ligação dos conceitos de leitura, hipertexto e Cibercultura podem explicitar a construção do conhecimento coletivo e, também, a produção do texto virtual, do hipertexto, da multimídia. A partir das pontuações de Lévy, podemos conscientizar-se das novas composições de gêneros textuais digitais. Nesta mesma perspectiva Xavier (2009) nos esclarece a diversidade dos gêneros digitais. O autor lida com as variações dos gêneros digitais que emergem na Cibercultura através das novas tecnologias aproximando o campo da linguagem, produção textual e conexão hipertextual dado as novas formas de circulação da informação. Essa aproximação, principalmente pelo desenvolvimento das tecnologias, atinge a percepção humana, seu sistema sensorial e as habilidades transformadas e adequadas à realidade ao longo do desenvolvimento humano.

Esse humano passa a ser desafiado nos termos das tecnologias da informação e da comunicação por esse instrumental, onde o cognitivo e habilidades não deram conta das novas formas de lidar, pensar, construir nessas inesperadas mudanças (XAVIER, 2009). Esse desafio apresenta uma ligação direta no ato de ler, na decodificação, interpretação e entendimento. O hipertexto passa a ser o elemento central dos estudos da leitura dos objetos digitais, principalmente o livro didático digital.



À maneira de Lévy, Xavier define o hipertexto:

Na esteira da leitura do mundo pela palavra, vemos emergir uma tecnologia de linguagem cujo espaço de apreensão de sentido não é apenas composto por palavras, mas, junto com elas, encontramos sons, gráficos e diagramas, todos lançados sobre uma mesma superfície perceptual, amalgamados uns sobre os outros, formando um todo significativo e de onde sentidos são complexicamente disponibilizados aos navegantes do oceano digital. É assim o hipertexto. (In: MARCUSCHI & XAVIER, 2010, p. 209)

Dado a definição vemos com a ajuda do autor, o tamanho das possibilidades que podem estar por traz do livro digital. Está conectado, permeado por linguagens, emissor de estímulos que o meio técnico potencializa, nos abre questionamentos sobre o “como interpretar” a mídia. As mudanças no meio técnico parecem notáveis, e mais notáveis ainda serão as mudanças no humano. Ao tratar do hipertexto, o autor citado levanta um argumento que nos chama a atenção:

O traço mais inusitado do hipertexto é a sua capacidade de aglutinar as diversas linguagens. Eis, portanto, uma das razões fora da dimensão meramente computacional. São várias linguagens em jogo, por isso é preciso entendê-lo multissemiologicamente, haja vista a natureza plural permeada por palavras, imagens e sons concomitantemente. (2009, p. 106).

A afirmação faz ver que novas configurações se darão nos aspectos cognitivos, os quais serão remodelados. Poderíamos construir sinapses e gerar entendimentos que abrangem sensações e linguagens os quais surgem de campos da perceptivos diferentes? Ou esse caminho pode ofuscar um entendimento do que está sendo comunicado através do hipertexto, ocasionando uma falta de foco? Para Xavier,



A dissolução da centralidade do discurso vivida no hipertexto, inserido na pós-modernidade, pode provocar uma leitura dispersiva, até porque a falta de completude, de eixo organizador e de fio condutor do discurso tornam o hipertexto um objeto virtual estranho diante daqueles poucos acostumados com as parafernalias digitais. (Idem, p. 43).

A anúncio do autor leva a pensar que as possibilidades de relação do sujeito com objeto da leitura mais complexo, estranho. Nesse tipo de texto, existe um esforço de atenção maior, o que obriga aos leitores desse material manobras perceptivas ainda mais apuradas na leitura em frente a tela (Idem, pp. 43-44). Não podemos dizer então, que a maior quantidade de linguagens possa facilitar a leitura, ou pelo menos ilustrar, visto que não há centro, não há um quadro de possibilidades de entendimento definido, isso amplia a diversidades de caminhos a percorrer, ilustrando, vendo e ouvindo, será que não vamos nos perder?

1.4 O Livro Didático Digital: a estrutura de ligação de um objeto

O material que nos propomos para pesquisa consideramos não somente como objeto propriamente dito, embora como objeto de pesquisa visto que o campo se estabelece no próprio material, teremos de olhar o processo rizomático, mais do que como coisa, produto da realidade, e também como mercadoria. O livro possui, por sua natureza subjetiva, muitas faces de compreensão, mas se nos interessa conhecê-lo, estudá-lo e analisá-lo devemos nos precaver de não tentar adjetivá-lo, em um olhar mais amplo e sensível deixar que, como processo, ele seja percebido para constituir-se como significado dentro daquilo que ele agencia, deixando o campo mais livre para que constitua uma cartografia do olhar sensível e que consiga perceber as pistas dos elementos que vão dar forma ao mapa, através do método cartográfico como sinaliza



Passos e Barros (In: PASSOS, KASTRUP & ESCÓCIA, 2009, pág. 17):

O desafio é o de realizar uma reversão do sentido tradicional de método – não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (*metá-hódos*), mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A reversão, então, afirma uma *hódos-metá*. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e os resultados.

O método é a cartografia que consideramos apropriado, com utilização de estudos com a Documentação Direta a qual se define como levantamento de dados no local do problema, que identificamos como sendo o livro didático, que surge como material de apoio do professor que agrega novos elementos que implicam em modificações na leitura e compreensão dos textos e conteúdo em si. A documentação direta que envolve o objeto da pesquisa é o livro didático de Língua Portuguesa da Editora Leya, para o primeiro ano do Ensino Médio da Coleção Português e Linguagens em Conexão, Volume 1 dos autores: Graça Sette, Márcia Travalha e Rozário Starling. O qual foi o único material aprovado pelo PNLD 2015 do tipo 1¹ que, segundo o Edital 01/2013 SEB/MEC, considera a obra como multimídia contendo livro digital e impresso. Outro motivo para a escolha desse material diz respeito a avaliação feita pelo Guia de Livros Didáticos PNLD 2015². Segundo essa avaliação a “o aspecto mais relevante da obra é a consistência da proposta do eixo de leitura”.

¹ O edital do 01/2013 para o Programa Nacional do Livro Didático 2015 inscrição e avaliação de materiais de dois tipos no Item 3.1.1 e 3.1.2: Tipo 1: Obra Multimídia composta de livros digitais e livros impressos; Obra Tipo 2: Obra impressa composta de livros impressos e em PDF.

² Guia de Livros Didáticos: PNLD 2015: Língua Portuguesa: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2014.



Escolhemos um ponto para iniciar a observação imaginando que assim como o estudante que recebeu o livro começaria: folheando o material impresso. Salta-se aos olhos o colorido das figuras e das formas, e predominância das cores e o papel fino e leve que lembra o papel usado nas revistas, a também o verde como cor que predomina para a constituição das linhas, quadros e títulos dos textos. A constituição da capa chama muita à atenção, a representação de uma pintura em que o azul e o amarelo dá uma sensação de alegria. Noto um agenciamento da construção do primeiro olhar.

Observo que há ali um roteiro de categorias já estabelecidas pelo livro em sua tradicional constituição. Nome dos autores, título da obra, editora e ilustração entre estes o elemento novo, que destoa um pouco, mas marca, anuncia sutilmente as mudanças das aplicações digitais em outros suportes. Faz lembrar do item do edital descrito anteriormente (item 4.2.6), em que a presença de uma iconografia não faria sentido sem a presença do digital. A figura 1, mostra no canto inferior direito esse incomodo.

Avançando nas páginas introdutórias chegando até o final, e passando pelas orientações didáticas no manual do professor, encontramos sim uma pista no fim da página 7, que dizia que o ícone de formato retangular com um triangulo no meio (conhecido símbolo do play, ou start) “indica que há um objeto educacional digital relacionado a algum conteúdo da página em que aparece. Quando inserido no início do capítulo, refere-se de forma geral ao conteúdo do capítulo”. Foi a pista seguida. Mas cabe a nós pensar que tal indicação não representa uma orientação plausível, sequer didática, de relações possíveis entre conteúdos impressos ou digitais. Pois seguindo o que orientava o livro encontramos a primeira ligação no capítulo quatro na página 46, somente no livro do professor, e se tratava de um conto com uma ficha de leitura, que nos revelou o funcionamento do ambiente digital do livro. Em nossa leitura perceptiva, nos vemos diante de uma porta para fora, numa decisão de sair e entrar



como num outro cômodo de uma mesma casa, e ao mesmo tempo sente-se como se houvesse um mar ou um rio entre um ambiente que está aqui, e outro que precisa de uma ponte para chegar.

1.5 Como chegar no digital: as portas e as chaves

Tomamos a decisão de analisar primeiro agente que aparece no caminho, daí tenhamos facilidade de localizar o no modo de entrar, de *linkar* com o digital. Nessa leitura de percepção deparamos na página 46 no cap. 4, a primeira porta. A seguir, descrevo como chegar lá, no digital.

Para que o estudante e o professor possam ter acesso ao material é preciso que se faça um cadastro no site da editora. Para o estudante, o livro dispõe no verso da capa do livro impresso um cartão com uma chave alfanumérica com vinte e cinco caracteres e o endereço www.10escoladigital.com.br (vide figura 1) o qual vem a ser nosso segundo ponto de observação, que tomamos como agenciamento principal na relação do sujeito com o livro digital. Temos de marcar que não encontramos qualquer outra referência de como proceder, seja no livro do professor, seja do estudante.

O cartão, como uma chave que abre uma porta foi colado ao livro, e apareceu não como elemento que firmasse uma chave verdadeiramente interessada de que se abrisse uma porta, pois não integrava parte impressa do livro, é um elemento colocado (quase solto) que levanta suspeitas: Qual a intenção do cartão, chave de acesso ao estudante? Chegamos a duas compreensões: 1) o cartão foi colado para ser destacado do livro; 2) o cartão é colado lá conforme a conveniência do agente. Ou seja, para qualquer das suspeitas parece haver uma intenção separatista e não de ligação entre impresso e digital. Um certo controle sobre quem deve receber a chave.



Figura 1: Cartão com a ponta colada a verso da capa do LD impresso.

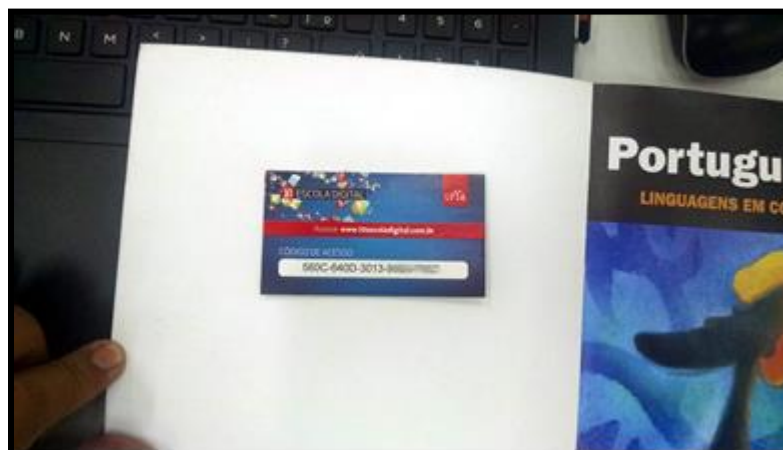


Foto: Autor

O acesso ao professor tem outro processo. Não há cartão. O agenciamento é de nível externo. O professor terá de fazer contato com a editora, cadastro, esperar uma autorização e a chave virá por meio eletrônico para a obtenção do acesso. Preocupamos sim, visto que para o professor, sem que ele faça uma leitura mais interessada no livro, e apresente uma vontade em ir buscar o acesso, sequer irá saber que há um outro material, um material diferente, uma outra proposta em ambiente virtual. Caso o livro do estudante não apresente o cartão é como qualquer proposta de Livro Didático anterior ao edital de 2013, um LD.

Partimos então pelo caminho do professor, pois é no livro do professor que aparecerá o objeto da pág. 46. Percorrendo os passos para encontro da chave chegamos ao ambiente digital do Livro Didático Digital. O que encontramos lá do outro lado da ponte? O percurso mostrou que o lugar do digital não se tratava de um outro cômodo, mas um lugar distante o qual se pode facilmente desistir de ir. Mas ao chegar, encontramos um ambiente meio familiar, que tentava parecer o ambiente do livro impresso, diferindo, pois, haviam quatro categorias, sendo uma delas dedicada a imagem semelhante ao livro impresso, com rolagem e conteúdo das páginas impressa,



mas que num primeiro olhar, não tinha tanta qualidade como no impresso. Uma categoria relacionando os objetos digitais, uma com lista de exercícios, e uma outra chamada “aula”. Esta última diz respeito a modos de planejar aulas.

Voltamos a busca do objeto da pág. 46. Passando as páginas, apertando botões, enrolando uma barra horizontal, encontramos o que estávamos procurando. Um ícone, como uma gota pequena, do tamanho de uma bolinha de gude, com o desenho de um lápis. Levei o cursor do *mouse* até lá, mudou de seta para mãozinha e quando cliquei iniciou um *download* de um arquivo formato doc. Era uma ficha – *ficha n.º 1 – elementos da narrativa literária* – consistia em um conto com uma ficha de leitura com quatro questões a serem encontradas no texto, já respondidas em vermelho, e nada mais.

Considerações finais

O suporte por equipamentos computacionais, interagem e se complexificam em rede, agrupam e interligando os arquivos, softwares, páginas e agenciam os modos de acesso. Tencionam uma associação ao conhecido livro didático impresso com um livro digital numa lógica de virtualização e ligação hipertextual, dadas na internet. Se antes os sujeitos que compunham o sentido do texto, são colocados a prova de imergirem no hipertexto midiático, agora estão sem percurso. Em nosso ensaio vemos que o material dado no LD e relação ao LD digital que mapeamos é separatista, o agenciamento falha em forma e em conteúdo. Os acessos são difíceis, se contados a uma boa estrutura de utilização, se torna mais penoso se considerarmos as condições de trabalho do professor, e a estrutura que a maioria das escolas de EM apresenta.

A ideia de um hipertexto fecundo, interativo que aponta Levy, aguarda pelo trabalho para constituí-lo, a digitalização caminha ainda lenta quando estamos diante do digital. No contraponto, e na distância da ideia que o autor construiu, anda nosso Livro Didático Digital.



O material livro didático digital que apresenta as mais próximas aos sujeitos ainda está por vir. Cabe aos pesquisadores estarem atentos a intenção das agências, governos, editoras, cabe ao professor continuar questionando o livro didático, venha ele como vier, impresso ou digital, mas que apresente qualidade na forma, na estrutura, nas relações e no conteúdo.

Referências Bibliográficas

BRASIL, Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2015**. Brasília, 2013.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância. **Tv Escola: Relatório 1996-2002**. Brasília: MEC/SEED, 2002.

_____. INEP. **Relatório nacional do PISA 2012: Resultados brasileiros**. São Paulo: Fundação Santillana, 2012.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre a distinção e apropriação**. Trad. Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas – SP: Mercado de Letras; Associação de leitura do Brasil (ALB), 2003.

DRAIBE, Sônia M. & PEREZ, José Roberto Ruz. O programa TV Escola: desafios à introdução de novas tecnologias. *In: Cadernos de Pesquisa*, nº 106, p. 27-50, Março/1999.

LÉVI, Pierre. **O que é o virtual**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Cibercultura**. 2ed. Trad. Carlos Irineu Costa. São Paulo: Ed. 34, 2000.

PASSOS, Eduardo & BARROS, Regina Benevides. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da, Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SATTE, Graça, TRAVALHA, Márcia & STARLING, Rozário. **Português: linguagens e conexão 1**. São Paulo: Leya, 2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro da Silva (Org). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

XAVIER, Antonio Carlos. **A era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2009.

_____. **Leitura, texto e hipertexto**. *In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. XAVIER, Antonio Carlos. Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3ed. São Paulo: Cortez, 2010.